



GORGULHO

Boletim Informativo sobre Biodiversidade Agrícola
COLHER PARA SEMEAR – Rede Portuguesa de Variedades Tradicionais
ano 5 . n.º10 . Verão de 2008. Distribuição gratuita a sócios



Levantamento de

Variedades Regionais

da Península de Setúbal

Novidade, já publicado
Levantamento das Variedades Regionais da Península de Setúbal

INDICE

EDITORIAL	2
CERTIFICAÇÃO E BIODIVERSIDADE	2
OFICINA DE FORMAÇÃO DE GUARDIÕES	4
LEVANTAMENTO DE VARIEDADES REGIONAIS DO PLANALTO MIRANDÊS	4
ALENTEJO DISTANCIA-SE DOS CULTIVOS TRANSGÉNICOS	5
LANÇAMENTO PÚBLICO DO LEVANTAMENTO DAS VARIEDADES REGIONAIS DA PENÍNSULA DE SETÚBAL ...	6
DESTRUINDO A DIVERSIDADE	7
AS SEMENTES BIOLÓGICAS DEVEM ESTAR NAS MÃOS DOS AGRICULTORES	9
CRIANDO MERCADOS ALTERNATIVOS NO PAÍS BASCO	9
VI FESTIVAL GASTRONÓMICO DO CHÍCHARO	10
O MELÃO	11
CULTIVO.....	12
POLINIZAÇÃO E OBTENÇÃO DE SEMENTES	13
DIVERSIDADE PLANETÁRIA CONGRESSO MUNDIAL SOBRE O FUTURO DA ALIMENTAÇÃO E DA AGRICULTURA	14
MANIFESTO DO PLANETA DIVERSIDADE	16
LET' S LIBERATE DIVERSITY IV OUTUBRO DE 2008	19
BOLETIM DE INSCRIÇÃO DE SÓCIO	19
COMO CONTRIBUIR?	20
AO ENCONTRO DA SEMENTE 2008	20

Ficha Técnica

O Gorgulho, nº 10 – Verão de 2008

Boletim Informativo Sobre Biodiversidade Agrícola

Director: José Miguel Fonseca

Edição: Colher para Semear – Rede Portuguesa de Variedades Tradicionais

Coordenação e Redacção: Fátima Teixeira

Fotos e gravuras: Câmara Municipal de Sesimbra, Câmara Municipal de Alvaiázere, José Miguel Fonseca, Plataforma Transgénicos Fora, Congresso Diversidade Planetária

Colaboradores neste número: Câmara Municipal de Alvaiázere, Fátima Teixeira, Graça Ribeiro, GRAIN, José Eduardo Amorim, José Mariano Fonseca, José Miguel Fonseca, Plataforma Transgénicos Fora, Reti Semi Rurali, Sabine Mengel, Seeds Savers Exchange.

Contactos: Quinta do Olival, Aguda, 3260 – 044 FIGUEIRÓ DOS VINHOS, Tel. 236622218 Tm. 914909334 colherparasemear@gmail.com

Colaborações são bem vindas. O *Gorgulho* existe para dar voz aos associados. Os vossos pontos de vista e experiências são importantes para enriquecer esta publicação. Escreva-nos, faça-nos chegar o seu texto.

Nota da redacção: os textos são da autoria exclusiva dos seus autores. Qualquer crítica ou comentário deverá ser-lhes dirigida.

EDITORIAL

CERTIFICAÇÃO E BIODIVERSIDADE

José Miguel Fonseca

A agricultura biológica deveria implicar uma viragem para um método de manejo da Terra que respeitasse práticas mais ecológicas e sociais daí inerentes. Verifica-se no entanto uma tendência ao contrário, na maior parte dos países dentro da União Europeia, com os Estados Unidos da América prontos a seguir-lhes o exemplo.

Foi quase imperceptível a entrada das grandes corporações que controlam o actual mercado de sementes de agricultura biológica. Neste lote estão já a Dupont (EUA), a Limagrain (França) e a KWS AG

(Alemanha), que fazem parte do lote das 6 maiores companhias mundiais de sementes, com um volume anual de negócios de 2,781, de 1,035 e de 615 milhões de dólares respectivamente (dados do ETC Group, 2006). Estas companhias conseguiram dominar as vendas e neste momento detêm a grande fatia de todo o negócio, vendendo na maioria variedades híbridas e com direitos de autor. A contribuir para esta situação incluem-se alguns governos e entidades certificadoras, tentando marginalizar todos os agricultores que usam sementes não certificadas ou homologadas, e pressionando inclusivamente de forma abusiva e pouco ética, na base da atribuição de subsídios.

Este rumo tem por resultado a erosão rápida das variedades tradicionais, com efeitos desastrosos e até imorais. De facto, o lado social da questão não é melhor: os países do Norte da Europa importam grande parte dos legumes e frutas biológicas que adornam as grandes superfícies, dos países do Norte de África e da América do Sul, impondo-lhes estas mesmas regras, fornecendo-lhes sementes, na maior parte híbridos, escravizando os pobres agricultores já com baixos salários, e ao mesmo tempo destruindo todas as culturas tradicionais e adaptadas a estas regiões. Um belo contributo por parte da agricultura biológica em favor da biodiversidade.

Entre nós, constatámos mesmo um caso de um agricultor biológico nosso associado ver a sua certificação suspensa devido à utilização de sementes colhidas na região, embora estas não tenham sido produzidas em agricultura convencional e tenham vindo a ser reproduzidas pelo próprio há vários anos. Nas minhas pesquisas de variedades tradicionais pelo país, constato com tristeza a quase ausência de agricultores biológicos das listas dos levantamentos até hoje efectuados.

Um relatório recente da FAO, sobre agricultura biológica e segurança alimentar e meio ambiente afirma o seguinte: milhões de

agricultores não certificados mantêm sementes vivas, da maior diversidade genética, e ao mesmo tempo produzem alimentos para mais de um bilião de seres humanos.

Esta realidade atrás descrita não tem como objectivo assustar, pelo contrário, é a de alertar para os esquemas que nos são impostos sem o nosso conhecimento e muito menos participação. Uma boa solução para inverter as coisas, é a de tentar conhecer os fornecedores, onde produzem, como, e o que cultivam, ter presente que o alimento está intrinsecamente ligado à origem ou seja ao agricultor. A compra em mercados locais ou nas próprias quintas cria mais intimidade e por consequência, confiança. Os próprios consumidores devem mesmo sugerir o cultivo de variedades suas conhecidas ou de outras menos conhecidas agora, mas de há muito cultivadas, podendo inclusive fornecer sementes destas variedades para estimular o seu uso. O lavrador tem necessidade de conhecer os gostos das pessoas para quem produz, e juntos podem ser bons aliados na continuidade do nosso património agrícola, assim como mantendo uma oferta de legumes e frutos de alto valor nutritivo, necessário ao bem estar físico de toda a população.

A biodiversidade agrícola reflecte a contribuição dos sábios agricultores que nos precederam, não é medida pela quantidade mas pela qualidade dos alimentos provenientes das variedades localmente adaptadas, e não são elementos para certificação e propriedade intelectual. Foi-nos passada generosamente, cabe-nos pois defendê-la e entregá-la aos seguintes em boas condições de germinação. Por favor não caiam na tentação de enclausurar as sementes, como fizeram aos animais, fechando-os em Jardins Zoológicos. A semente, com todas as suas espécies e variedades tem de se manter nos nossos campos, útil e viva.



COLHER PARA SEMEAR

**REDE PORTUGUESA
DE VARIEDADES TRADICIONAIS**

OFICINA DE FORMAÇÃO DE GUARDIÃOS

Notícias da associação

A Colher para Semear informa a todos os sócios, amigos e interessados que no primeiro fim-de-semana de Setembro, respectivamente dias 6 e 7, terá lugar na Quinta do Olival, Aguda, em Figueiró dos Vinhos (sede da nossa associação), um conjunto de oficinas práticas, onde todos os amantes das variedades tradicionais poderão participar na recolha de frutos e legumes, para posterior extracção de sementes, tratamento e sua preservação. Pretendemos assim, partilhar com todos vós alguns ensinamentos e preceitos no sentido de vos proporcionar mais sucesso na recolha e conservação das vossas sementes.

Deste modo, informamos que:

- O programa para os dois dias de oficinas, consiste no sábado, em colheita e extracção, e no domingo, em limpeza e acondicionamento;

- O custo das oficinas é de 15 € para não sócios e de 7,5 € para sócios;

- O alojamento pode efectuar-se em tendas próprias em espaços da quinta, ou em residenciais/hotéis na região (ficando a procura e o contacto a cargo dos próprios);

- A alimentação é da responsabilidade de cada um, pelo que podem trazer comida para merendar ou fazer piquenique, ou ainda, procurar alternativas na região;

- Está prevista a possibilidade de degustar alguns dos produtos colhidos;

- O número de inscrições é limitado pelo que deverão efectuar a vossa inscrição até final do mês de Agosto (dia 31), através dos seguintes contactos: José Miguel Fonseca (236622218); Graça Ribeiro (914909334) ou José Mariano Fonseca (919969311).

Em caso de previsão de condições climatéricas adversas para as datas mencionadas, todos os participantes inscritos serão avisados com 48 horas de antecedência sobre possíveis alterações.

§

LEVANTAMENTO DE VARIEDADES REGIONAIS DO PLANALTO MIRANDÊS

José Miguel Fonseca

O mês de Junho foi muito proveitoso, com os primeiros frutos e cereais identificados em meses anteriores, a surgir em plena maturação. Mais de uma dezena de variedades de cereja foram fotografadas, saboreadas e descritas, algumas foram difíceis de colher, as encostas onde se situavam eram na maioria íngremes e a competição das aves forte. Apareceram também duas ginjeiras com fruto maduro, estas menos cobiçadas pela passarada, encontravam-se bem compostas de ginjas: a garrafal, de cor preta, grande, sumarenta e agridoce, e a galega, mais pequena, cor vermelho vivo e de sabor ácido.

A época do figo também começou, com os figos iniciais encontrados nas encostas do Rio Sabor, chamam-lhes Lamos ou Bêberas, são de tamanho médio a grande, de cor preta azulada e ligeiramente achatados. No interior do fruto a polpa é creme acastanhada, doce e sumarenta.

A maturação atinge já os cereais de Inverno, o centeio tradicional começou a ser colhido, as poucas cevadas que ainda se cultivam (cultura presentemente substituída

pela aveia) estão prontas a ser ceifadas. Os trigos Barbela e o Marroquina estão ainda um pouco verdes, mas anunciam uma boa colheita para breve. Foram colhidos exemplares destes cereais para preservação e identificação.

As maçãs precoces fazem a sua aparição: a Malapa ou Malapeira é a mais conhecida e estimada na região do Planalto Mirandês; de tamanho pequeno a médio, cor verde amarelada, sumarenta com sabor leve e doce.

Os alhos estão colhidos e são belos exemplares, grandes e com os dentes distribuídos uniformemente, tem uma cor roxo acentuada. Nas duas colheitas efectuadas, as cabeças de alhos eram muito semelhantes apesar da distância entre elas. Conclui-se que seja uma variedade local bem representada e espalhada.

Uma novidade foi a descoberta de duas variedades de amoras, identificadas por um agricultor local em Senhoane (Mogadouro). Uma é a silva vulgar bastante comum e a outra dá pelo nome de Verdeal, menos frequente, habita linhas de água e tem maturação em fins de Julho. Esperemos no próximo Gorgulho descrever o fruto e as suas qualidades.

§

LANÇAMENTO PÚBLICO DO LEVANTAMENTO DE VARIEDADES REGIONAIS DA PENÍNSULA DE SETÚBAL

Graça Ribeiro

Em Janeiro de 2006, depois de termos acordado com a Câmara Municipal de Sesimbra a realização neste concelho do Ao Encontro da Semente, iniciámos o levantamento das variedades tradicionais ainda existentes na região da Península de Setúbal. Os resultados da 1ª fase deste trabalho, parcialmente apoiado pela

ADREPES (Associação para o Desenvolvimento Rural da Península de Setúbal), foram apresentados durante o encontro (em Outubro de 2006) num documento com fotografias e textos descritivos de cada uma das variedades de frutos, legumes e cereais até àquela data inventariados.

Conscientes de que muito havia ainda a acrescentar a este levantamento, especialmente em relação às fruteiras, decidimos voltar ao campo para alargar a recolha. E em boa hora o fizemos, pois encontrámos e inventariámos mais cerca de 3 dezenas de variedades. Este documento, agora actualizado, a que chamámos *Levantamento de Variedades Regionais da Península de Setúbal*, foi apresentado publicamente no dia 21 de Maio, com a edição a cargo da Câmara Municipal de Sesimbra, em colaboração com a Colher Para Semear.

Para este lançamento, gentilmente organizado pela Junta de Freguesia do Castelo, e que decorreu no Espaço Zambujal, foram convidados agricultores, pastores, moleiros e outras pessoas da região, algumas das quais, muito nos tinham ajudado durante o período de inventariação e recolha. Pensamos que todos se sentiram justamente reconhecidos com a publicação deste trabalho, e aproveitamos para voltar aqui a agradecer a sua preciosa colaboração.

Neste momento as sementes de todas as variedades de leguminosas, cereais e legumes que constam deste levantamento, estão incluídas no Catálogo de Variedades 2007 da Colher Para Semear. Algumas delas estão já a ser reproduzidas na Quinta do Olival, e outras pelos sócios que optaram pela sua escolha no catálogo de 2008. No Inverno de 2007, recolhemos os garfos das macieiras e pereiras inventariadas, e este ano disponibilizámos aos sócios as árvores com eles enxertadas em viveiro. Algumas destas árvores crescem já no concelho de Sesimbra.

Com esta publicação, pensamos ter concretizado já uma parte essencial do trabalho que nos propusemos fazer, para a preservação da biodiversidade agrícola da Península de Setúbal. Mas, para que todo este trabalho tenha pleno sentido, será preciso que as variedades que constam deste levantamento, algumas delas em elevado perigo de extinção, voltem a ser semeadas e plantadas, em quantidades significativas, nos campos, hortas e pomares desta Península. Para que apareçam, em maior número e quantidade, à venda nos mercados e mercearias da região.

O representante do município de Sesimbra afirmou neste dia a sua intenção de instalar um campo para reprodução de todo este património, com o principal objectivo de fornecer as sementes e os garfos das fruteiras, aos agricultores interessados. Fez também um apelo a todos os presentes para que informassem a Câmara, no caso de conhecerem outras variedades de cultivo antigo, que não constem neste documento. Assim poderá ser acrescentado em futuras edições.

De momento estamos a trabalhar com a Câmara Municipal de Odemira, para a publicação do Levantamento de Variedades recolhidas neste concelho em 2007/2008. Esperamos num dos próximos Ao Encontro da Semente poder apresentar mais este precioso documento. Tal como aconteceu com as fruteiras da Península de Setúbal, também aquelas encontradas em Odemira estão já este ano a ser reproduzidas em viveiro.

Este trabalho da Península de Setúbal agora publicado está disponível aos sócios e demais interessados, podendo ser encomendado à Colher Para Semear.

§

ALENTEJO DISTANCIA-SE DOS CULTIVOS TRANSGÉNICOS

Metade das herdades alentejanas abandona depois de experimentar

Plataforma Transgénicos Fora

Foram divulgados recentemente pelo Ministério da Agricultura os dados oficiais para 2008 do cultivo de milho transgénico em Portugal (1). Embora a área total tenha aumentado 11% (486 hectares) em relação a 2007, esta subida está muito longe dos 240% (3009 hectares) verificados de 2006 para 2007 e representa uma desaceleração significativa no interesse que os agricultores vêm na única variedade geneticamente modificada que está autorizada para cultivo. As regiões do Alentejo e de Lisboa e Vale do Tejo apresentam as reduções mais significativas.

Desde 2005, ano em que começou o cultivo em Portugal, estas eram as duas regiões com maior adesão ao milho transgénico e em 2007 representavam 86% de toda a área cultivada com OGM em Portugal. Este ano, no entanto, deu-se uma redução de 11% no total de hectares cultivados em cada uma delas. No Alentejo, em particular, este abaixamento torna-se ainda mais significativo se se considerar que a área total dedicada ao milho aumentou 10 a 15% no mesmo período, de acordo com estimativas provisórias do Ministério da Agricultura. A experiência que os produtores alentejanos estão a ter com o milho transgénico fica claramente aquém das expectativas. De todas as explorações agrícolas do Alentejo que em 2007 cultivaram OGM, 48% (23 explorações em 48) já abandonaram tal opção em 2008. Este recuo significativo está em contraste com o quadro optimista que o Ministério da Agricultura tem apresentado e mostra que, apesar da forte promoção, os agricultores preferem tecnologias e práticas mais eficazes, que apresentem menores riscos para o ambiente, para a saúde humana e para a sua própria economia. O fraco crescimento verificado

este ano a nível nacional concentra-se quase em exclusivo na região Centro, com novos agricultores no vale do Mondego a começar agora a experimentar o que os produtores alentejanos, que começaram anos antes, já estão na fase de descartar. Segundo a Prof^a Margarida Silva, coordenadora da Plataforma Transgénicos Fora, "O quadro português, embora com grande falta de dados concretos que o Ministério da Agricultura insiste - contra a lei - em não divulgar, aponta para um ciclo de experimentação e posterior abandono dos cultivos transgénicos por uma faixa significativa dos produtores portugueses." Ainda de acordo com esta bióloga, "Esta leitura condiz com um estudo da Comissão Europeia recentemente divulgado (2) em que, de três regiões espanholas estudadas, o cultivo de milho transgénico não propiciava quaisquer vantagens económicas aos produtores de duas delas."

(1) Disponíveis online em

<http://www.stopogm.net>

(2) Vide Gómez-Barbero et al. (2008) Bt corn in Spain - the performance of the EU's first GM crop. *Nature Biotechnology* 26(4):384-386.



A Plataforma Transgénicos Fora é uma estrutura integrada por onze entidades não-governamentais da área do ambiente e agricultura (ARP, Aliança para a Defesa do Mundo Rural Português; ATTAC, Associação para a Taxação das Transacções Financeiras para a Ajuda ao Cidadão; CNA, Confederação Nacional da Agricultura; Colher para Semear, Rede Portuguesa de Variedades Tradicionais; FAPAS, Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens; GAIA, Grupo de Acção e Intervenção Ambiental; GEOTA, Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e Ambiente; LPN, Liga para a Protecção da Natureza; MPI, Movimento Pró-Informação para a Cidadania e Ambiente; QUERCUS, Associação Nacional de Conservação da Natureza; e SALVA, Associação de Produtores em Agricultura Biológica do Sul) e

apoiada por dezenas de outras.

Para mais informações contactar:

info@stopogm.net ou www.stopogm.net

Mais de 10 mil cidadãos portugueses reiteraram já por escrito a sua oposição aos transgénicos.

§

DESTRUINDO A DIVERSIDADE

Fátima Teixeira

Um dos princípios básicos da agricultura biológica é usar e manter a biodiversidade agrícola. Ironicamente, a pressão para cumprir a regulamentação das sementes biológicas resulta na eliminação dessa mesma biodiversidade. Esmagados entre o aumento do controlo corporativo no mundo biológico, e a legislação que obriga à criação de um mercado de sementes biológicas, os agricultores biológicos que querem usar as suas próprias sementes, ou sementes convencionais que se adequam melhor às condições nas suas quintas, encontram-se eles próprios à beira da barreira da ilegalidade.

Cristina Micheloni, da Associação Italiana de Agricultura Biológica (AIAB) resume a escolha que os agricultores têm: *"usar uma variedade adaptada que é compatível com os sistemas agrícolas locais e é procurada pelo mercado, mas cujas sementes não estão disponíveis como sementes certificadas biológicas. Ou usar semente certificada biológica de uma variedade, que não está particularmente adaptada às condições locais e não é especificamente procurada pelo mercado."* A escolha é progressivamente eliminada pela evolução da legislação, com consequência desastrosas para a biodiversidade agrícola e sustentabilidade. Micheloni e os seus colegas documentaram o facto de que agricultores convencionais têm acesso a 35 variedades de trigo comum, 60 variedades de tomate e 56 variedades de milho. Os seus correspondentes em agricultura biológica

podem escolher de apenas 15, 7 e 6 variedades destas culturas respectivamente, que não são necessariamente as mais adaptadas aos seus sistemas agrícolas. Com a agravante de a maioria das variedades de legumes serem híbridas, o que os torna pouco viáveis para a multiplicação na quinta. Como resultado, um grande número de agricultores pedem a revisão das leis, para poderem usar as suas próprias variedades ou uma outra variedade que se adapte à sua quinta mas não está disponível em agricultura biológica, mas esta opção torna-se cada vez mais restrita a partir do momento em que as companhias e certificadoras conseguem empurrá-los para a ilegalidade. Desta maneira, a regulação das sementes biológicas destrói a diversidade, em vez de a ajudar a proteger.

Cristina Micheloni reporta a situação de agricultores no Veneto (região Nordeste de Itália) que produzem *radicchio* (uma espécie de chicória - *Cichorium intybus*), um produto típico da região.



Variedade de *Radicchio* vermelho.

“Os agricultores têm produzido os seus próprios radicchios desde há séculos, não certificado como biológico, e sem registo oficial. Segundo a legislação actual, eles não estão autorizados a fazer tal, mas fazem-no na mesma, como sempre fizeram, e isto é a chave da qualidade do que

produzem. Cada agricultor especializa-se numa variedade particular de radicchio, e existem muitas: radicchio de Treviso, de Verona, Chiggia, de Lusia, de Castelfranco... Eles trocam as sementes entre si e fazem experiências, tudo sem ser oficial. Os consumidores gostam dos radicchios e pagam um preço superior. Desta forma os agricultores mantêm a diversidade nos campos, e usam as plantas que melhor se adaptam às condições da quinta, ao seu estilo de fazerem agricultura e à procura do mercado. Mas esta situação torna-se cada vez mais incrivelmente difícil. As variedades muitas vezes não são qualificadas para o registo em nenhum catálogo uma vez que não são estáveis nem suficientemente uniformes. E se não estiverem registadas, legalmente não existem.

Dentro da IFOAM temos vindo a debater tanto estas situações. Há muitas posições diferentes, mas a lógica que domina é a das inspecções e das certificadoras. Eles querem regras simples nos casos de excepção, sem espaço para interpretações. Além disso há o lóbi dos melhoradores de plantas. Tudo isto resulta numa pressão tremenda para usar apenas as sementes biológicas certificadas, sem qualquer consideração pelas razões dos agricultores ao quererem flexibilidade e diversidade. É realmente demasiado simplista, penso eu. Os pequenos agricultores não deviam ser forçados a comprarem sementes biológicas.”

Cristina Micheloni, em comunicação pessoal de Outubro de 2007.

De Volta ao Essencial

A maior parte dos agricultores biológicos estaria de acordo de que é preferível usar sementes biológicas, e apoiaria claramente o desenvolvimento de um sistema de sementes para este efeito. Mas certificar as sementes como um meio para garantir a integridade do biológico é completamente diferente de as certificar como meio para criar um mercado e tornar as sementes biológicas em lucro para as companhias de sementes.

German Velez do “Grupo de Semillas” na Colômbia tem trabalhado com os agricultores na diversidade de sementes durante décadas e chegou a uma conclusão muito clara: *“Consideramos que qualquer forma de certificação de sementes é perversa, seja ela convencional ou biológica. A certificação está muitas vezes associada a sistemas de direitos de propriedade intelectual, que permite a uma mão cheia de companhias de sementes controlarem, não só a cadeia de sementes mas também as tecnologias associadas a essas sementes. A certificação de sementes biológicas é igualmente inaceitável, uma vez que é um instrumento para o domínio e para a exclusão de pequenos agricultores da agricultura biológica pelo controle que as certificadoras e as companhias de sementes exercem... Neste contexto surgiram muitas iniciativas que desejam dissociar-se dos sistemas de certificação oficial e estabelecer contactos directos de confiança entre produtores e consumidores. Embora muitas destas alternativas não sejam ainda visíveis, elas estão a multiplicar-se e a fortalecerem-se através de celebrações com e sobre sementes, sistemas de trocas locais de sementes e mercados onde as sementes e conhecimento tradicionais são trocados.”*

German Velez, Grupo de Semillas, Comunicação pessoal, Outubro de 2007

As Sementes Biológicas Devem Estar nas Mãos dos Agricultores

“Como agricultor, o meu principal interesse, que acredito partilhar com a maior parte dos agricultores, está em obter sementes e variedades bem adaptadas à agricultura biológica. Podem ser sementes antigas ou sementes recentemente desenvolvidas. Devo admitir que, o serem biológicas ou não, vem muito abaixo na minha lista de prioridades, e também na lista das prioridades dos consumidores que compram a minha colheita. Não estou certo de que o actual desenvolvimento nos decretos e regulações reflectam estas prioridades.”

Gunnar Rundgren, ex-presidente da IFOAM, “Seeds are Magic”, apresentação na 1ª

Conferência Mundial sobre Sementes Biológicas, IFOAM, Roma, 5-7 de Julho de 2004.

Criando Mercados Alternativos no País Basco

A organização basca de pequenos agricultores, ENHE, em conjunto com outros grupos da sociedade civil está envolvida no desenvolvimento de um esquema de certificação participativa holístico, que não implica apenas acordos no não uso de químicos, mas que inclui também os factores sócio-económicos (tal como o rendimento mínimo para o agricultor envolvido) e de proximidade com o consumidor. Os dois princípios básicos em que assentam esta iniciativa são a soberania alimentar e a agro-ecologia. No que diz respeito às sementes, o ponto de partida é tal que *“favoreça a conservação, reprodução e recuperação das sementes e variedades locais e o conhecimento local a elas associado”*. Paul Nicholson, um dos agricultores envolvidos, explica a iniciativa e os temas que esta deseja discutir da seguinte maneira:

“Durante dois ou três anos estivemos envolvidos num debate interno acerca da certificação da comida que produzimos. Entre os membros, existe uma rejeição crescente dos actuais sistemas de certificação, os que vêm do governo regional e os que vêm da IFOAM. O problema principal é que estes esquemas de certificação defendem e promovem tipos de agricultura biológica orientados para mercados de exportação, e não necessariamente o tipo de agricultura que nós defendemos. Na nossa visão, sustentabilidade ambiental é apenas mais um elemento. Igualmente importantes são os factores sociais, económicos, assim como o elemento de proximidade.”

Estamos então a falar de sistemas de certificação alternativos que envolvam redes de agricultores e de consumidores, e incorporem os aspectos da produção, distribuição e consumo. Eles baseiam-se em acordos comuns sobre modelos de produção, condições sociais (trabalho, preços,

salários, etc) e condições ambientais. Os consumidores também trazem compromissos e parâmetros de aceitação que definimos em conjunto.

É difícil, um desafio enorme, porque estamos basicamente a criar mercados alternativos. Dentro da IFOAM este é um debate muito grande neste momento. O pequeno agricultor simplesmente não pode acompanhar mais as leis, portanto precisamos de uma abordagem diferente a mercados e consumidores. Na IFOAM, o empurrão em direcção ao modelo de exportação agrícola é muito forte e crescente. Mas é também impossível manter esta dualidade. O modelo de exportação, por um lado, e a agricultura baseada na proximidade, por outro, não são simplesmente compatíveis. São antagónicos e esse é o problema interno e o debate que a IFOAM enfrenta agora.”

Paul Nicholson, em comunicação pessoal,
Outubro de 2007

NOTA: Estes excertos foram traduzidos e retirados do artigo *do Seed Savers Exchange, Edição de Verão de 2008, sobre Certificação e Biodiversidade* com base no relatório *Whose Harvest? The Politics of Organic Seed Certification*, que está disponível em www.grain.org/briefings/?id=207.

GRAIN (Genetic Resources Action International) é uma organização internacional sem fins lucrativos que promove a gestão sustentável e o uso da biodiversidade agrícola baseado no controle das populações sobre os recursos genéticos e na sabedoria local. www.grain.org

§

LIBERTANDO A DIVERSIDADE IV

Fátima Teixeira

Vai decorrer de 10 a 12 de Outubro em Ascoli, Itália, o quarto encontro das Redes Europeias de Sementes, “Libertando a Diversidade” organizado pela rede italiana Semi Rurali, com o apoio técnico e político do comité europeu criado em Halle, na Alemanha em 2007.

Porquê em Itália?

Em Itália as questões das variedades locais estão bem desenvolvidas a nível local. Alguns governos regionais (Toscânia, Marche, Umbria, Friuli Giulia, Lazio e Emilia Romana) introduziram leis que apoiam a conservação através do cultivo e da valorização das variedades. A rede italiana Semi Rurali foi criada em Novembro de 2007 e é composta actualmente por 8 organizações (ARI, AIAB, Crocevia, Civiltà Contadina, Conzorcio della Quarantina, Archeologia arborea, CTPB e ASCI) que representam agricultores biológicos, guardadores de sementes e pequenas famílias de agricultores não certificados

Seria pois interessante, partilhar com os participantes de outros países a diversidade de experiências em Itália e reflectir em conjunto sobre as acções a levar a cabo a nível local com as instituições públicas.

Na reunião de preparação que teve lugar em Roma a 3 de Novembro de 2007, as organizações presentes decidiram realizar a próxima reunião europeia em Ascoli, tendo como temas principais a serem abordados as seguintes áreas:

- 1 - Continuar o debate nos direitos colectivos das sementes camponesas;
- 2 - Reflectir e elaborar propostas sobre a valorização de produtos originários das sementes camponesas: que mercados para produtos baseados na biodiversidade local?

As outras entidades que fazem igualmente parte do comité europeu e promotoras deste evento são: Red de Semillas (www.redsemillas.info -Espanha), Réseau Semences Paysannes (www.semencespaysannes.org -França), UK Food Group (Reino Unido), VEN e IG Saatgut (Alemanha), Fundação Ormansag (Hungria), Protect the Future e ESSRG (Hungria).

Mais informações: www.semirurali.net

§

VI FESTIVAL GASTRONÓMICO DO CHÍCHARO

C. M. de Alvaiázere e Colher Para Semear

De entre os inúmeros festivais gastronómicos que se realizam nesta altura por todo o país, não podemos (nem queremos!) deixar de fazer referência a um caso nítido de sucesso de recuperação de uma leguminosa quase em vias de desaparecer, o chícharo (*Lathyrus sativus* L.), ainda um pouco desconhecido de muita gente, que nunca teve o prazer de se deliciar com um belo prato de chícharos.

No entanto, graças à iniciativa pessoal de dois primos oriundos de Alvaiázere, que decidiram lançar mãos à obra, apoiados pela inestimável ajuda do município, que conseguiu aperceber-se a tempo da riqueza agrícola que estava prestes a perder-se, tem o chícharo, desde há 6 anos, honras condignas durante 3 dias nesta região. “*Venha provar o património*”, parece-nos pois um convite



irrecusável, mesmo para os estômagos mais esquisitos, pois existe sempre uma variedade muito grande de diferentes pratos de chícharo nos restaurantes da região.

Já se encontram abertas as inscrições para a edição do VI Festival Gastronómico do Chícharo que decorrerá entre os dias 3 e 5 de Outubro de 2008 e que, à semelhança de outros anos, terá como ingrediente principal esta peculiar leguminosa, num certame sempre recheado de muita animação. Para além da presença, mais que obrigatória do chícharo, típico da região, o festival contará ainda, com um vasto conjunto de exposições e mostras de artesanato, para além dos emblemáticos passeios de burro, arruadas, oficinas e jogos tradicionais.

As entidades, instituições ou individuais que estejam interessados em expor os seus produtos no VI Festival Gastronómico do Chícharo deverão preencher a respectiva ficha de inscrição, remetendo-a, posteriormente, para a Câmara Municipal de Alvaiázere, na Rua Conselheiro Furtado dos Santos, 3250-100 Alvaiázere. Tel. 236 650 600, Fax 236 650 148, geral@cm-alvaiazere.pt ou alvachicharo@sapo.pt

§

DIVERSIDADE PLANETÁRIA Congresso Mundial Sobre o Futuro da Alimentação e da Agricultura

José Amorim e Sabine Mengel
jose.eduardo.amorim@sapo.pt e
samengel@gmx.net

“Chamamos os amigos e defensores da diversidade neste planeta a juntar-se a nós na celebração da diversidade natural e cultural da vida em alimentação e na agricultura. Por 5 dias, durante as negociações da Convenção das Nações Unidas sobre Biodiversidade (mais conhecido como o Protocolo de Cartagena), discutiremos como agricultores,

consumidores, transformadores e as suas comunidades podem cooperar para enriquecer e defender esta diversidade. Um movimento mundial de todas as procedências reunir-se-á pela causa comum da defesa da diversidade contra as tendências destrutivas e ameaçadoras na agricultura, desenvolvimento rural e produção de alimentos.

O congresso “Planeta Diversidade” reunirá representantes de movimentos de base, locais e regionais, e as instituições que trabalham na tradição agrícola e alimentar, assim como na inovação e na reconciliação baseadas na diversidade cultural e biológica. Alguns dos temas chave que queremos discutir: a soberania alimentar, o acesso a alimentos, água e solo saudáveis para as populações, os direitos dos consumidores e relações justas com produtores, as tradições alimentares e agrícolas e a sua qualidade, produção alimentar e zonas livres de transgénicos, as mulheres e a agricultura, o livre intercâmbio de sementes e o melhoramento participativo, o livre intercâmbio de conhecimentos e a diversidade, o fim das patentes sobre a vida, agrocombustíveis *versus* segurança alimentar, a agro-ecologia e a inovação em agricultura biológica, as hortas da esperança, os direitos e saberes indígenas, a diversidade cultural e espiritual, as sementes Terminator, árvores geneticamente modificadas, biologia sintética e outras novas tecnologias que ameaçam a diversidade”.

Foi este o apelo lançado pelo Comité Organizador Local, baseado na Alemanha, que levou a cabo este evento, sendo composto pelas seguintes organizações: ABL (União dos Agricultores Familiares, membro de Via Campesina), BUND (Amigos da Terra), Evangelischer Entwicklungsdienst - EED (Serviço de Desenvolvimento da Igreja Protestante), Fórum das ONG alemãs sobre o Ambiente e o Desenvolvimento, Fundação Heinrich Böll, Gene-ethic Network (Rede de

Ética Genética), GENET (Rede Europeia de ONGs sobre Engenharia Genética, com 50 membros), GREENPEACE, IFOAM (Federação Internacional dos Movimentos de Agricultura Biológica), IG Saatgut (Iniciativa para sementes sem OGM), Save Our Seeds (Fundação para o Futuro da Agricultura) - Secretariado e entidade legal, VDF (Federação dos Cientistas Alemães).

Para além destas organizações, o congresso teve um Comité Consultivo Internacional constituído por cerca de 50 pessoas de 30 países de todos os continentes, mais alguns a nível global, entre as quais: Vananda Shiva da International Commission on the Future of Food, Índia, Louise Littikholt da IFOAM, Alemanha, Juan Lopez Vilar da Friends of the Earth, Angola, Jan van Aken da Greenpeace International, Holanda, Anna Gyorgy da Women and Life on Earth, Alemanha, Pat Mooney da ETC Group, Canadá, Helena Norbert-Hodge da International Society for Ecology and Culture, Reino Unido, Monica Aleman da International Indigenous Woman Forum, USA, Natália Caruso, da MADRE, USA, que asseguraram que a agenda fosse realmente representativa da realidade global.



Uma das oradoras mais conhecidas: Vandana Shiva

Acorreram ao apelo 679 pessoas de 93 países, assim distribuídos: África - 63 pessoas de 24 países, América - 75 pessoas de 17 países, Ásia - 86 pessoas de 20 países, Europa - 448 pessoas de 30 países, entre os

quais 265 da Alemanha (país anfitrião) e 6 representantes portugueses: Irina Maia da GENET, uma das entidades organizadoras, José Amorim e Sabine Mengel, da Colher para Semear, Nuno Belchior e Tânia Simões do Projecto 270 e Johan Diels do GAIA.

Os cinco dias foram preenchidos com um programa intenso: segunda-feira - Manifestação de manhã e Festival da Biodiversidade à tarde; terça a quinta - Congresso com Conferências e workshops; sexta: Conferência de imprensa e visitas.

A Manifestação foi um interminável desfile em frente do local onde estavam reunidos os representantes dos governos dos países parceiros (mais de 190) nas negociações das Nações Unidas sobre a Convenção da Biodiversidade. As negociações versavam a extinção de espécies, a engenharia genética, o controlo das sementes, áreas sobreprotegidas e diversidade agrícola, questões de sobrevivência. As principais palavras de ordem dos mais de 6.000 manifestantes eram: **“Pelo direito humano a uma alimentação adequada, diversa e saudável - contra o mau uso da agricultura para agro-combustíveis, e outras matérias primas para especulação internacional”, “Pelo direito dos consumidores e agricultores a decidir - contra experiências genéticas com a nossa alimentação e o nosso ambiente”, “Pela livre troca de sementes e conhecimentos agrícolas - contra as patentes sobre a vida e biopirataria”, “ Pela preservação da diversidade regional - contra as monoculturas da agro-indústria e o genocídio mundial dos pequenos agricultores”, “Pela diversidade biológica - regional, justa e livre de OGM!”**

Seguiram-se discursos de representantes de organizações participantes. Entre outros: Vieira Gentil Couto, da Via Campesina e MST - Movimento dos Trabalhadores sem Terra, do Brasil, Percy Schmeiser, o agricultor canadiano que ganhou o processo contra a Monsanto, Iboyla Tamás és Gedó da

European Seeds Network, Hungria, Hubert Weeiger da BUND (Amigos da Terra), Alemanha, Nicholas Supiot da Réseau Semences Paysannes, França, W. Graefe zu Baringdorf, dos Verdes e Abl, Membro do Parlamento Europeu, Alemanha, Suzanne Mähne Liberator of Fields, Alemanha, Vananda Shiva da Navdanya Seed Movement, Índia, e Benny Haerlim da Save Our Seeds, Alemanha e membro da International Agricultural Assessment, IAASTD, Lamine Biaye da Association Sénégalaise de Producteurs de Semences Paysannes, Senegal.

Seguiu-se o Festival da Biodiversidade, uma enorme exposição ao ar livre com stands de produtores agrícolas e guardiões de sementes, organizações, artesãos, empresas, restaurantes, música, animação, discursos, etc.

O congresso teve um intenso programa de conferências e workshops durante 3 dias, em várias línguas, principalmente inglês, alemão, francês e espanhol (na lista dos voluntários que ajudaram na organização constavam mais de 20 tradutores). Dos cerca de 40 oradores oficiais, destacamos Vananda Shiva - Navdanya Seed Movement, India, Ibrahim Abouleish - SEKEM, Egipto, Miguel Altieri, University of California, Berkeley, EUA, Asada Shinji - antigo vice-governador de Hokkaido, Japão, Günter Altner - biólogo e teólogo, Alemanha, Claire Banegas - Vice Ministro da Biodiversidade, Forest Resources and Environment, Bolívia, Susanna Cenni - Minister for Agriculture of Tuscany, Itália, Maya Graf - Green Party Switzerland, Benedikt Haerlin - Foundation on Future Farming, Save Our Seeds, Alemanha, Guy Kastler - Réseau Semences Paysannes, França, Edith Lammerts van Bueren - Louis Bolk Institute, Holanda, Paolo Petersen - Assessoria e Serviços a Projectos em Agricultura Alternativa (AS-PTA), Brasil, entre outros.

Convidamos os interessados a consultar o site do evento onde é possível tomar conhecimento dos resumos das conferências, do curriculum dos palestrantes, assim como das sínteses ou conclusões dos workshops. O site continua em desenvolvimento onde os participantes, e não só, podem continuar o trabalho de rede e onde colocam uma imensa quantidade de contactos e informação, textos, fotos, vídeos, notícias, o mapa mundial da rede, etc.

Em anexo juntamos a tradução do Manifesto aprovado pelo Congresso assim como das conclusões simbolicamente expressas num poema de Pipo Lernoud, vice-presidente da IFOAM, Argentina.

Os patrocinadores, ou doadores que financiaram o evento constam igualmente de uma lista de uma centena de organizações de possível consulta no site oficial do congresso: www.planet-diversity.org

§

MANIFESTO DO PLANETA DIVERSIDADE

Nós, povos do Planeta Diversidade, reunimo-nos para celebrar a riqueza e a diversidade biológica e cultural, que é a nossa herança, e para afirmar o nosso compromisso a transmitir esta herança intacta às gerações futuras.

Nós rejeitamos o desespero de um mundo focado no consumo, na concorrência e na extinção e declaramos que não aceitamos a desconfiança, a violência e o medo como formas de nos relacionarmos entre nós e com outros seres.

Preferimos os mercados locais e regionais à globalização; a equidade e a reciprocidade à dominação.

Consideramo-nos parte da natureza e não donos dela.

Aprovamos a sabedoria que une a precaução à procura de conhecimentos.

Vemos que a precaução é necessária para evitar causar dano a tudo o que amamos, que tem para nós valor, que nos possibilita a vida e que procuramos entender; e sabemos que aqueles que arrogantemente rejeitam o princípio de precaução colocam em perigo a base das nossas vidas.

Procuramos um mundo com alimentos bons, saudáveis, nutritivos, seguros e ao alcance de todos.

Reverentemente devotamos uma admiração sem limites à beleza e à interdependência de toda a diversidade biológica.

No que toca à diversidade da nossa própria espécie, valorizamos e celebramos especialmente:

- os protectores das sementes e os que perpetuam os saberes tradicionais,
- os cultivadores de alimentos são e os artesãos e consumidores de "slow food",
- os pequenos agricultores, camponeses e trabalhadores rurais que nos alimentam e sustentam,
- os activistas que pedem contas, e exigem responsabilidade, transparência e participação pública,
- os artistas e os poetas que nos compelem a abrir os olhos e o coração,
- os pacifistas que nos apontam a direcção do respeito mútuo e da boa convivência,
- os cientistas que nos ensinam a agir em cooperação com a natureza e entre nós,
- os sábios que nos recordam o que devemos ao passado,
- e os profetas que nos avisam como nos julgará o futuro.

Finalmente, celebramos aqueles com quem não concordamos porque são eles que nos obrigam - assim como os obrigamos a eles - a uma maior sabedoria.

Com grande respeito, abraçamos todos e reconhecemos que somos todos, cada um de entre nós, os afortunados herdeiros e os

responsáveis antecessores desta casa comum, o Planeta Diversidade.

Este manifesto foi subscrito pelos participantes de Planeta Diversidade, em Bona, Alemanha, em 16 de Maio de 2008. É baseado em muitos comentários e contribuições dos participantes e é entendido como um documento vivo. Futuros comentários são bem vindos.

§

PLANETA DE DIVERSIDADE

Pipo Lernoud

Convidamos-vos a ler o maravilhoso poema que Pipo Lernoud, vice-presidente da IFOAM, (Argentina), apresentou como a sua conclusão do evento:

Foi-me pedido que rematasse as apresentações e discussões que tivemos durante estes maravilhosos três dias. Mas nós recebemos tanta informação, tão ricos conceitos, tantas diferentes experiências foram vistas, que uma síntese não seria apenas impossível, seria desrespeitoso da minha parte. Como foi mostrado durante os dias que passámos juntos, diversidade tem a ver com riqueza, profundidade, detalhe. Os legisladores costumam dizer que o diabo está nos detalhes mas eu prefiro dizer que na vida e na natureza é Deus que está nos detalhes. A magnificência deste planeta e o seu ecossistema é mostrada em cada grão de terra, em cada flor, cada semente, cada borboleta. É por isso que somos fãs de diversidade. Somos loucos pela beleza de todas as vidas que nos rodeiam e nos sustentam. Há tantas línguas, tantas danças, tantas canções, tantos pássaros, tantas comidas, tantas sementes...

Porque não passar a vida a defender essa riqueza, a única real herança que podemos deixar às próximas gerações?

E há tanto para aprender, tanto para descobrir, tanto para partilhar...
Temos que aprender como ler a paisagem

Como o coelho faz, ou o pintarroxo num despido ramo outonal de acácia
Procurando sinais da natureza que para ele são claros como anúncios néon e nós nem sequer sabemos como compreender
O vento move-se suavemente e abana os cimos das árvores
O pintarroxo apenas se move um pouco sobre o ramo e deixa as penas baralharem-se no ar da manhã

Nós estamos aqui?
Nós fazemos parte disto?

O nosso cérebro, que resulta de conexões neuronais e impulsos eléctricos
Viaja longe daqui, para os nossos trabalhos e ocupações, perturbam-nos problemas e ambições
Mas nós estamos no presente, essa é a única realidade
E os pássaros tomam-no como garantido, vivem permanentemente no presente

De repente, um grande ramo de eucalipto parte-se e cai com um grande estrondo nas folhas amarelas do chão.

Tudo se torna silencioso
Tudo está em completa atenção
Tudo parece estar no seu lugar

Precisamente aqui:
O cheiro da floresta
As folhas caídas
A luz do sol criando manchas claras entre os arbustos
Um momento de silêncio
Um momento sem tempo
Respirando

Pele vermelha, pele escura, pele branca,
Semente e estame e todas as não nomeadas vidas que vivem

Nós estamos todos aqui
Nós somos todos um
Nós pertencemos a isto
Nós estamos sendo atravessados pela
vida,
Nós somos todos parte da rede sagrada.

Tremendo, reconhecemos o facto de que
somos uma parte deste imenso
organismo.

Nós somos parte da corrente
Numa dança que não compreendemos
totalmente
Mas podemos senti-lo
Porque está a acontecer agora mesmo
No meu coração apertado
No teu coração apertado

O teu sangue lavando e alimentando as
tuas células
Como a seiva nas árvores
Os rios descendo das montanhas
Os ventos no planeta.
Todos juntos
Sendo a catedral da natureza
Vibrando, cheia de maravilhas.

§

O MELÃO

José Miguel Fonseca

São apontadas três origens para o melão, uma é a África Ocidental onde foram encontradas 40 espécies silvestres, a outra é a vasta região compreendida entre o Sul da Rússia, Afeganistão e Pérsia (actual Irão) algumas zonas do Sudoeste da Ásia.

Os escritos mais antigos apontam para a existência e consumo de melão já no período egípcio de 2.400 anos a.C., os gregos conheciam o fruto no século 3 a. C.. Plínio, o filósofo descreve-o como uma novidade em Campania e escritores romanos do século 3

da nossa era, descrevem-no e sugerem modos de cultivo e de consumo. A cultura do melão espalhou-se para o Mediterrâneo Ocidental na Idade Média, sendo comum em Espanha e possivelmente Portugal no século XV. Cristóvão Colombo levou as primeiras sementes para o Mundo Novo em 1494, e nesse mesmo ano iniciou-se a primeira sementeira de melão nas Américas.

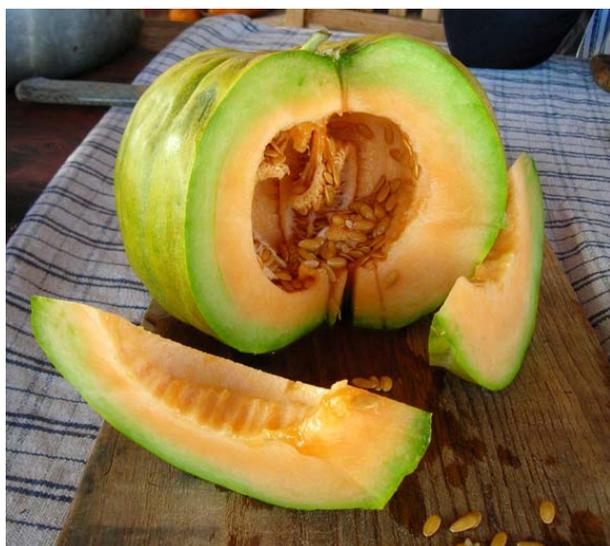
O fruto do meloeiro é extremamente diverso em forma, desenho, cor, aroma e paladar. As formas podem ser redondas, ovais mais ou menos alongadas ou cilíndricas. A cor também varia muito, todos os tons de verde, desde o mais escuro ao amarelo vivo ou alaranjado. Com listas ou rendados, assim como lisos ou com sulcos definidos pode apresentar-se a casca. A polpa pode ir de branco creme, passando por vários tons de amarelo ao laranja vivo. Finalmente os aromas podem ser intensos e com sabor pouco acentuado, como pode não o ter e ser de boa qualidade. No meio disto tudo o paladar pode ser doce suave ao picante.



Exemplo da grande variedade de melões.

A espécie “*melo*” à qual pertence o melão subdivide-se em vários grupos, os seguintes são os mais conhecidos entre nós: o **Catalupensis** é a nossa conhecida meloa e o melão **Cantalupe** muito usado pelos nossos amigos franceses. De casca lisa ou grosseira não desprende facilmente da planta mãe. O grupo **Reticulatus** é o mais comum entre

nós, de várias formas, entre o redondo e o oval, com casca lisa, rendada ou sulcada, muito aromático. Do grupo **Inodorus** pertencem os melões de Inverno, com casca lisa ou enrugada, polpa esverdeada ou branca e pouco aromático na colheita. Incluo aqui o grupo **Flexuosos** por questão prática; o fruto tem a forma e o aspecto de um pepino mas com a casca sulcada, e por isso tem o nome de pepino da Arménia, área geográfica de sua origem. São normalmente ingeridos e utilizados como se de um pepino se tratasse. Provavelmente daí se instalou a crença de os pepinos cruzarem com os melões, sendo da mesma espécie a proximidade com outros grupos de melões pode resultar numa hibridização entre os dois.



Melão sulcado exibindo duas cores distintas na polpa: verde no exterior e laranja no interior.

As variedades tradicionais portuguesas eram em tempos mais que muitas, a diversidade diminuiu bastante, embora ainda se consiga encontrar variedades interessantes, elas estão a ser muito pouco cultivadas e em nichos diminutos: de entre essas as mais representadas são o Casca de Carvalho, o Tendral e o Lagarto. Nos mais raros incluem-se o Canário, o Verde Mar, o Douradinho, o Manuel António. Outros há sem nome próprio, mas baptizados pela Colher Para Semear, num número que ultrapassa já as quarenta variedades.

Cultivo

A condicionante mais importante para uma boa colheita é o clima. O melão necessita de quatro meses de tempo quente e estável, para se criar e amadurecer plenamente. As temperaturas nocturnas não devem descer preferencialmente abaixo dos 16° C. É importante incorporar uma boa dose de composto bem curtido em cada cavacho, de preferência um pouco elevado para prevenir o apodrecimento do pé, fenómeno vulgar nesta cultura.

O melão prefere uma terra com algum teor de argila, mas quando em demasia convém misturar um pouco de areia para não a superfície não rachar. Esta situação também pode ser evitada com um adequado empalhamento em volta da planta, que além de manter a humidade do solo, ainda impede o contacto da planta com o solo, prevenindo o aparecimento de fungos muito comuns nesta cultura.

As regas devem ser terminadas com a aproximação da maturação dos frutos, principalmente nos últimos dias que são cruciais para a acumulação de açúcares no fruto, podendo pôr em causa a qualidade da colheita. Os frutos conhecem-se maduros quando se denota uma pequena racha em volta do tronco de ligação da planta mãe ao pressionar com o dedo, este separa-se facilmente do fruto, isto é particularmente evidente nos melões tradicionais; nas meloas o pedúnculo já não se separa tão facilmente.

Os melões de Inverno para fins de armazenamento, são apanhados um pouco antes da maturação plena, para uma melhor conservação. Pendurados em sacos de rede em local ventilado e com pouca exposição solar, podem durar até depois do natal, e não é raro vê-los e saboreá-los mesmo em Março. As regiões tradicionalmente conhecidas pelo cultivo de melão são as seguintes: Ribatejo, Vale da Vilarça em Trás-os-Montes e

algumas regiões do Alentejo (Campo Maior, Estremoz, Elvas, entre outras). Na verdade, o melão pode e é cultivado em quase todo o território nacional continental, é só uma questão de escolher a variedade tradicionalmente utilizada com bons resultados na sua área de cultivo.

Polinização e obtenção de sementes

O melão requer a cumplicidade das abelhas e pequenas moscas para se polinizar, facto pelo qual o cruzamento entre variedades é comum e fácil. Apesar de as flores serem muito visitadas por insectos a percentagem de abortos é extremamente elevada, na ordem dos 80%. Este número elevado de insucesso dificulta a polinização manual, além de ser frustrante polinizar flores que no dia seguinte podem cair. No entanto, além de outras técnicas de polinização é uma das armas utilizadas para prevenir cruzamentos indesejáveis. As outras técnicas podem ser as de enjaular as plantas e introduzir polinizadores artificialmente, ou tapar as diferentes variedades em dias alternados, semear ou plantar em intervalos de tempo suficientes para a floração não coincidir e por último e talvez a mais segura será a do isolamento de variedades numa distância nunca inferior a 500 metros entre si.

A polinização manual é feita com rigor no dia da abertura da flor feminina, pegando numa flor masculina (reconhecida pelo pedúnculo vertical que a liga à planta), e retirando-lhe as pétalas, expor o pólen roçando-o levemente na flor feminina (a que tem um pequeno fruto imaturo na base) e tapar com fita-cola com cuidado para não romper as pétalas expondo a flor aos insectos.

Para obtenção de sementes, convém como noutros casos, escolher os melhores exemplares de plantas sãs e vigorosas. No melão temos a vantagem de poder provar o fruto antes de escolher para semente.

Contudo, o poder germinativo das sementes aumenta até 10% com a maturação excessiva do fruto.

Após a abertura do fruto, retiram-se-lhe as sementes; algumas deslocam-se facilmente, outras têm de ser desalojadas das fibras rendadas às quais estão agregadas. Lavam-se de preferência numa torneira de fluxo forte, tentando retirar ao máximo a película gelatinosa que as envolve. De seguida secam-se as sementes em recipiente não aderente, em local arejado e quente, mas não com luz solar directa, sendo esta de tal forma demasiado intensa em certos dias, que pode provocar a inutilização das mesmas. Armazenar em frascos, num local seco, fresco e escuro, para aumentar a longevidade das sementes. A viabilidade pode no caso do melão ir para além dos 5 anos. Cada grama de semente de melão pode conter entre 30 a 40 unidades consoante a variedade.



Remoção das sementes de melão.

Há escritos do século XVIII e XIX, mostrando a preferência de agricultores por sementes de melão com idade de 4 a 10 anos, supondo eles produzirem plantas com menor vigor vegetativo, mas com frutos mais aromáticos e saborosos.

§



COLHER PARA SEMEAR

**REDE PORTUGUESA
DE VARIEDADES TRADICIONAIS**

BOLETIM DE INSCRIÇÃO DE SÓCIO

(Por favor, preencher com letras bem legíveis, de preferência com maiúsculas)

Nome: _____
Morada: _____
Localidade: _____ Código Postal: _____
E-mail: _____
Telefone/ Telemóvel: _____ Data de Nascimento: _____
Profissão: _____ Nacionalidade: _____ N° contribuinte: _____

Quota anual: Sócio individual 35 € Sócio colectivo 70 € Sócio estudante /reformado /menor de 16 anos 25 € Donativo de _____ Pretende receber sementes*? Sim Não

Pagamento por cheque n° _____ do Banco _____
No valor de _____ à ordem de Colher para Semear
Data _____ Assinatura _____

Preencha e envie para: **Colher para Semear**, Travessa Convento de Jesus, 42-2º Dto 1200-125 LISBOA

***Os sócios da associação Colher Para Semear têm o direito a: participar em todas as actividades promovidas ou apoiadas pela associação (p. e. encontros, oficinas de formação) com direito a redução de entrada quando praticável; receber o boletim interno e circulares; usufruir anualmente de um número de variedades, que serão definidas e disponibilizadas pela Direcção a partir de uma lista anual.**

COMO CONTRIBUIR?

Para concretizar estes objectivos, que são do interesse de todos nós, é necessária a contribuição do maior número de pessoas. De que modo?

- Através da inscrição como **sócio**;
- Pela oferta de **donativos** ou **géneros**;
- **Voluntariado** em diversas áreas: parte administrativa, pesquisa e trabalho de campo, recolha e propagação de sementes, inventariação, outras áreas relacionadas com as actividades da associação.
- Ser sócio **guardião de sementes**: comprometendo-se a multiplicar a(s) variedade(s) que apadrinhar, devolvendo à associação parte da sua colheita anual, devidamente seleccionada. Este sócio deve ter assistido previamente a uma oficina de formação sobre recolha, caracterização e propagação de sementes. O sócio guardião é mencionado no catálogo de variedades como reprodutor da semente que apadrinhar.

§

AO ENCONTRO DA SEMENTE 2008

Um incentivo ao cultivo de variedades locais e à conservação da Biodiversidade Agrícola

8 e 9 de Novembro de 2008, em Sendim (Miranda do Douro)

(programa detalhado no próximo número)

Entrada Livre

Palestras temáticas com especialistas convidados
Apresentação do levantamento das Variedades Regionais do Planalto Mirandês,
Oficinas Agrícolas, Ecológicas e de Transformação Local de Produtos ⁽¹⁾
Exposição de Variedades Locais do Planalto Mirandês
Mesa-redonda com Agricultores Sábios
Troca de Sementes Regionais
Baile das Colheitas
Animação Cultural
e muito mais!

Inscrições gratuitas:

fncteixeira@gmail.com ou colherparasemear@gmail.com Tel. 236 622 218 ou Tm. 914 909 334

(1) Participação nas Oficinas sujeita a inscrição paga e a ordem de chegada, podendo eventualmente haver actividades esgotadas e encerradas.

Organização da Colher Para Semear – Rede Portuguesa de Variedades Tradicionais

Com o apoio das seguintes entidades:

Eolenerg, Empreendimentos Eléctricos, S. A.,

Junta de Freguesia de Sendim

Junta de Freguesia de Pena Róias

Câmara Municipal de Mogadouro

Câmara Municipal de Miranda do Douro

Câmara Municipal de Vimioso

Governo Civil de Bragança

Parque Natural do Douro Internacional

Região de Turismo do Nordeste Transmontano